

DESCOMPASSO VISIONÁRIO - MURILO MENDES COMO PROVOCAÇÃO À HISTÓRIA LITERÁRIA

Cristiane Brasileiro Mazocoli Silva
UFJF

Me colaram no tempo, me puseram
Uma alma viva e um corpo desconjuntado. Estou
Limitado a norte pelos sentidos, ao sul pelo medo,
A leste pelo Apóstolo São Paulo, a oeste pela minha educação.
Me vejo numa nebulosa, rodando, sou um fluido,
Depois chego à consciência da terra, ando como os outros,
Me pregam numa cruz, numa única vida.
Colégio. Indignado, me chamam pelo número, detesto a hierarquia.
Me puseram o rótulo de homem, vou rindo, vou andando, aos solavancos.

Murilo Mendes

Do já longínquo ano de 1945, o poeta Murilo Mendes lança seu petardo indigesto para uma ocasião como a deste congresso: “Sempre, em todos os tempos, a poesia corrigiu a crítica”.

Ainda que talvez demasiadamente dura (ou *estrategicamente* dura), no entanto, tenho acreditado que a graça de uma afirmação desse tipo pode ser vista pelo que ela propõe de inversão daquilo que em geral naturalizamos. Com uma adequada modulação do tom peremptório de “O discípulo de Emaús”, no entanto, não há como ignorar que a crítica e, numa extensão cabível neste caso, de um modo mais geral os estudiosos profissionais da literatura podem ter se incumbido historicamente de julgar a produção literária, mas também é verdade que sempre foram julgados por ela. E é de um descompasso e de um desafio desse tipo que me interessei em tratar aqui.

Retrocedo um pouco, neste ponto, para explicar que este trabalho é um primeiro e pequeno fruto do projeto que venho desenvolvendo como recém-doutora na UFJF, cuja principal justificativa pôde ser traduzida sucintamente como a existência de uma real confluência de

interesses ligando a minha própria trajetória acadêmica ao trabalho de pesquisa que vem sendo desenvolvido no programa de pós-graduação em Teoria da Literatura dessa universidade.

Por um lado, a *tese de doutorado* a que me dediquei nos últimos anos teve como tema principal uma revisão crítica do vínculo entre literatura e representação de identidade nacional sobre o qual se estabeleceu a idéia de “fio coeso” que teria dado unidade e consistência à nossa literatura ao longo do tempo. Esse tema, que continha a hipótese da existência de uma tradição logocêntrica estabelecida sobre tal vínculo, foi desenvolvido através de estudos pontuais que procuraram captar, expor e explorar criticamente a presença e a permanência de tal tradição. Pois o resultado desse trabalho, registrado na tese intitulada “Pequeno grande mundo — logocentrismo literário como presença em crise”, já continha como proposta para um desenvolvimento futuro um estudo de caso que criasse a possibilidade de se indagar mais incisiva e pontualmente sobre os pressupostos que regeram a própria organização das histórias literárias, reconhecidas como instâncias privilegiadas de mediação no que tange à formação do nosso referido “cânone” literário.

Esse interesse acabou por encontrar um ambiente interessante para se desenvolver ao considerar o *trabalho em andamento na UFJF*, ao qual tivemos acesso através do acompanhamento do projeto integrado de pesquisa intitulado “Uma biografia literária: os acervos de Murilo Mendes”. A pesquisa ali proposta, afinal, não só lograva se inserir num novo momento da recepção da obra muriliana como também tinha um potencial para ser um dos seus mais importantes formadores, já que a empreitada de organização arquivística do acervo do CEMM (Centro de Estudos Murilo Mendes), era certamente acompanhada pela ambição de fazer com que a mesma pudesse gerar uma reflexão que abarcasse a repercussão e as implicações críticas e teóricas desse tipo de trabalho.

Dentro desse contexto, lembro que o lançamento da “obra completa” de Murilo Mendes pela editora Nova Aguilar, em 1994, parece justificar que se tenha passado a considerar a presença desse poeta no contexto contemporâneo como “desafiadoramente ostensiva”, como bem disse à época Ítalo Moriconi. De fato, essa edição monumental de 1782 páginas em papel bíblia foi seguida por um claro movimento “em busca de Murilo Mendes” — o que contou inclusive com o estabelecimento oficial do CEMM, dotado de um acervo precioso que tende a atuar cada vez mais como catalisador dessas novas discussões ao estabelecer publicamente um compromisso que foi expresso, em publicação nascida do primeiro seminário promovido pela casa, em termos de “retirar do silêncio crítico” a obra muriliana.

Mais exatamente que um “silêncio”, no entanto, acredito que a recepção da obra de Murilo Mendes se constituiu em torno do que poderíamos identificar a um *estranhamento radical*, cuja presença se faz notar desde as abordagens que dela fizeram os escritores-críticos historicamente ligados ao modernismo brasileiro, passando inclusive por eventuais silêncios e omissões a seu respeito.

Em meio a todos esses modos de recepção eventualmente distintos, no entanto, é possível reconhecer um mesmo fato subjacente: a dificuldade persistente em acomodar a obra de Murilo Mendes à nossa historiografia literária, problema que me parecia ter tido até aquele momento um rendimento teórico bastante aquém do que mereceria. Afinal, o visível descompasso entre a obra de Murilo Mendes e sua recepção crítica me parecia criar condições ótimas para que chegássemos finalmente a *indagar*: a que poderiam se atribuídas as dificuldades de acomodação da obra muriliana à chamada “História da Literatura Brasileira”?

Posso adiantar que a **hipótese central** que tem regido as reflexões desenvolvidas ao longo da pesquisa proposta ao CNPq foi estabelecida nos seguintes termos : **as dificuldades de incorporação da obra de Murilo Mendes à nossa historiografia literária são geradas**

exatamente pelos princípios teóricos e metodológicos em geral conservadores e insuficientemente explícitos que têm regido a própria organização das histórias literárias no Brasil.

Essa hipótese, conforme acreditamos, poderia vir a fornecer fornecer não somente *estímulos* para essa revisão da fortuna crítica de Murilo Mendes ou para uma reflexão teórica sobre a organização das nossas histórias literárias a partir do mergulho no que chamamos de um “estudo de caso” mas, muito especialmente, poderia vir a gerar sugestões para uma prática historiográfica mais de acordo com as discussões teóricas que passamos a encarar nas últimas décadas, como sinalizava Hans Robert Jauss em “História Literária como provocação à Teoria Literária”.

Neste sentido, assumimos como *referenciais teóricos cardeais* (embora não exclusivos) os debates ocorridos especialmente na Alemanha sobretudo a partir da década de 80, que não só fizeram recair sobre a História da Literatura uma ênfase notável, como trouxeram à luz uma nova e maior consciência a respeito dos problemas teóricos envolvidos na escrita de tal gênero de texto. Assim, aproveitamos o que Heidrun Krieger Olinto identificou como um “valor motivador, sem precedentes” (p.26) do texto-manifesto de Jauss escrito ainda em 1967 para, instados a uma “desconfiança geral” em relação aos modelos tradicionais de teoria, história e literatura, não só cogitarmos que os mesmos podem ter efetivamente perdido sua “força de persuasão” (num fenômeno que só teria se acirrado ao longo dos anos), mas também para acompanharmos o aprofundamento das discussões nos anos subseqüentes, marcados pela imensa ampliação do que é reconhecido como o próprio objeto a ser investigado. Isto considerado, vemos que uma teorização mais adequada não estaria justificada só com base no interesse em acompanhar as transformações ocorridas numa área vizinha como a da História, mas no reconhecimento da

necessidade de se compreender melhor o próprio fenômeno literário inserido em espaços novos e plurais.

Fundando uma pesquisa dessa natureza num estudo de caso mais específico como este que propusemos, estaríamos, assim, fornecendo elementos valiosos para que se possam *estreitar* as relações existentes usualmente entre teorias inovadoras e práticas condizentes que também no Brasil costumam se caracterizar pelo que já foi reconhecido e assinalado por Krieger Olinto como “uma óbvia dessincronia, às vezes um abismo” (p.42)

Isto considerado, o objetivo mais geral que ficou estabelecido foi o de realizar um *estudo de caso* sobre a recepção da obra de Murilo Mendes com a finalidade de apreender, a partir do mesmo, alguns dos pressupostos centrais que têm regido – e, repito, nem sempre explicitamente - as histórias literárias brasileiras.

A partir desse objetivo geral, no entanto, nitidamente têm se desdobrado determinados objetivos mais específicos, cujos necessários recortes internos têm sido feitos à medida em que as possibilidades e contingências dessa pesquisa foram e continuam sendo experimentadas.

O primeiro desses objetivos tem sido o de realizar um estudo sistemático sobre a fortuna crítica de Murilo Mendes para acompanhar, a partir de algumas possíveis *constantes* que a formaram historicamente, também a *evolução* recente da mesma, incluindo-se aí, especialmente, uma avaliação sobre o impacto causado pelos trabalhos realizados em torno da organização do acervo do CEMM;

O segundo desses objetivos tem sido o de localizar, no interior das histórias literárias brasileiras, o *lugar* de inserção da obra de Murilo Mendes, além de possíveis omissões a respeito da mesma, para disto apreender o modo de atuação dos *princípios organizativos* de tais volumes, incluindo-se aí uma avaliação sobre o grau de coerência dos mesmos com a metodologia declaradamente adotada, assim como as *implicações* trazidas por esses princípios no

que tange à exposição e à análise da obra muriliana; Dentro desse diapasão, poderíamos perceber algumas nítidas constantes na fortuna crítica de Murilo — tais como a insistência em sua “singularidade”, “universalidade”, “complexidade”, “variedade” ou “vanguardismo” — que passariam a ser compreendidas como sendo derivadas de um *descompasso* instalado entre a obra do poeta e os princípios implícitos na organização da nossa História Literária (tais como o respeito a uma linearidade progressiva, a forte tendência à homogeneização de períodos no interior dos “estilos de época”, a manutenção de um tipo de atenção *fechada* e pouco questionadora em relação ao que seriam as “obras literárias”, a permanência de um obsedante critério nacionalista patente na escolha dos temas e formas que poderiam fazer parte desse mesmo cânone e, *last but not least*, a reiteração naturalizadora de fortes traços substancialistas e imobilizadores nas concepções assumidas do que seja “identidade” — relacionados aí, principalmente, ao desejo de criar uma narrativa histórica fortemente coesa, mas que, num desdobramento, também são aplicados, via de regra, à leitura e à fixação de trajetórias poéticas particulares).

Da articulação entre esses primeiros movimentos foi gerado, ainda, um terceiro objetivo, que tem sido o de verificar afinidades e descompassos existentes as duas instâncias de recepção estudadas nos itens anteriores, de modo a depreender as *relações* existentes entre as mesmas (poderíamos adiantar, por exemplo, uma hipótese que estabelece a existência de um sistema de *defasagem progressiva/irradiadora* relacionando, nesta ordem, crítica/ historiografia literária/compêndios escolares — sendo a inclusão destes últimos no *corpus* de análise decidida só mais recentemente, e justificada pelo fato dos mesmos constituírem o que estamos chamando de “mediadores de largo espectro”).

Finalmente, um último objetivo específico tem nos parecido uma consequência necessária de todo o trabalho que vem sendo desenvolvido: analisar o resultado do cotejamento referido no item anterior à luz das discussões contemporâneas no campo da metahistoriografia literária, de modo não só a sugerir *práticas historiográficas* mais condizentes com uma teorização atual e exigente, mas também – e, aí, muito especialmente - mais capazes de abarcar criticamente uma obra como a de Murilo Mendes.

Essas ambições certamente demasiadas com as quais temos nos debatido, só podem ser sustentadas minimamente, a meu ver, pelo sentimento vivo da sua igualmente demasiada necessidade. Afinal, elas têm sido pra mim uma busca abertamente empenhada em respeitar, por um lado, a possibilidades contidas na própria função de mediadores culturais que tendo a acreditar que professores de literatura ainda podemos ter junto à sociedade; por outro lado, assume o desejo de querer contribuir para que as nossas histórias literárias se ressintam suficientemente das dificuldades murilianas expressas, por exemplo, no “Mapa” de que nos servimos na epígrafe deste trabalho. A exposição das dores relacionadas a problemas de *adaptação* às taxonomias do mundo, aí expressas, não raro se articulam, ainda, ao registro cru do alto preço que à *inadaptação* certamente é cobrado, como neste outro poema do livro “O visionário”, intitulado sintomaticamente “A visibilidade”:

Passar ignorado dos homens, das palavras,
Ignorado das águas, do demônio,
Ignorado dos personagens da história,
Ignorado até de Deus,
Até dos pássaros, das pedras.
Mas a luz se desfaz em vaia.
Os demônios mostram os seios em arco
- Arco de sua vitória exclusiva -,
As águas exigem um carinho,

Do contrário te afogarão.
As pedras exigem teu amor
- Vives em cima delas -
Do contrário te apedrejarão,
Apedrejarão
Quem quiser viver no ar.

É nas possibilidades e experiências de superação de alguns traços que acredito deformadores e restritivos vigentes nas práticas historiográficas ainda correntes, portanto, que estamos apostando – uma suspensão, neste sentido, desse tipo específico e sistemático de *apedrejamento* a que as obras acabam sendo submetidas. Fazemos ressoar, com isso, uma aposta anterior e menos específica que o próprio Murilo Mendes fizera, no mesmo “O discípulo de Emaús” a que nos referimos na abertura desta exposição. Está escrito ali: “O homem é um ser futuro. Um dia seremos visíveis”.

Referências Bibliográficas:

OLINTO, Heidrun Krieger. “Interesses e paixões: histórias de literatura”. In: _____ (org).

Histórias de Literatura – as novas teorias alemãs. São Paulo: Ática, 1996. (pp.15-46)

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994.

MENDES, Murilo. *Obra completa*. São Paulo: Nova Aguilar, 1994.